

# Invasão do território dos Xikrin do rio Cateté

A madeireira Karson do Pará\* entrou com picões em grande extensão do território Xikrin, chegando ao Rio Seco, um dos rios mais vitais para a sobrevivência da tribo. Os empregados dessa madeireira fizeram uma clareira próxima do rio Seco e da aldeia Xikrin, donde o avião lançou mantimentos (arroz, açúcar etc...) para os trabalhadores. Os índios escutaram e viram da própria aldeia o avião fazendo manobras de lançamento de mantimentos aos trabalhadores demarcadores de Karson.

Os índios aprisionaram dois trabalhadores e os entregaram à FUNAI no Posto do Cateté no dia 3 de julho de 1980, sendo que um terceiro elemento trabalhador de Karson tentou alvejar ou baleiar os índios, pelo que estes fraturaram o braço desse agressor com borduna. Confiscaram duas motosserras e vários revólveres que estavam sendo usados pela madeireira.

\* A madeireira Karson do Pará é uma filial que se localiza na P.A. 70 em Xinguara, pertencendo à Indústria Karson Ltda que tem sede no km 6 da BR 116 no bairro Pinheirinho de Curitiba no Paraná. Os donos da Indústria Karson Ltda são os senhores Hans Braun, Carlos Roberto Janzeri, Hans Hugo Dyck e Rodolfo Guilherme Berg.

O avião fretado pela madeireira Karson do Pará, o mesmo que realizou o lançamento de mantimentos na clareira desmatada pelos trabalhadores, desceu no dia 8-7-1980 na pista da aldeia Xikrin, sem autorização governamental, com o encarregado e responsável da firma em Xinguara o senhor Wilhelm Loewen, o piloto Pedro Candido Moraes e Silva e o ex-brasão durante 3 anos entre os Xikrin e atual auxiliar de sertanista da FUNAI Luis Moreira. O encarregado da Karson e o piloto alegaram que foram buscar o funcionário da FUNAI na fazenda Bonaki, donde ele estava tentando aproximação com um grupo Paracanã, há 40 minutos de vôo do Cateté, pois o Luis era conhecido dos Xikrin, e vieram à procura dos seus trabalhadores prisioneiros.

No dia 9-3-1980 o mesmo avião fretado pela Karson e pilotado pelo Pedro Candido Moraes e Silva retornou à pista da aldeia Xikrin, novamente sem autorização de FUNAI, com o funcionário da FUNAI Luis Moreira que trabalhou anteriormente entre os Xikrin, trazendo uma quantidade de pacotes de cigarros, bombons e chiclets mochos à saída dos índios, sacos de laranja, tentando aliciar ou agradar. Os dois elementos receberam ordem de se apresentarem na Delegacia de FUNAI em Belém para esclarecimentos.

Segundo o senhor Wilhelm Loewen as madeiras e o moço em particular da região estão saindo para Xinguara para todo o país, indo chegar ao Paraná. Segundo esse senhor, em fita gravada que emprestei à Presidência da FUNAI e à 2ª

Delegacia através do senhor Paulo Cesar Alreu, outras madeiras entram na região como a Lustrora, e a Itaipú com sede em Assis Chateaubriand no Paraná.

Segundo o depoimento dos índios Xikrin a cabeceira do rio Seco foi atulhada por estrada de invasores.

Os invasores entram pela região sul, vindo de Xinguare, sendo que até mesmo estrada próxima do rio Cateté foi referida pelos índios.

Devo dizer que o Cateté e o rio Seco são os dois principais rios usados pelos Xikrin e portanto vitais para a sobrevivência do grupo tribal.

O desmatamento e o atulhamento das cabeceiras de rios comprometem toda a ecologia da região.

No dia 10 de julho de 1980, pelo terceiro dia consecutivo desce um outro avião sem autorização do FUNAI ou governamental na pista da aldeia Xikrin. Nesta praça tinham interessados ou ocupantes da área Xikrin. O senhor Gilberto Telli<sup>\*\*</sup> dono da fazenda Japonesa e controlador da fazenda laranjeira<sup>\*\*\*</sup> de um seu irmão,

<sup>\*\*</sup> A fazenda Japonesa pertence ao senhor Gilberto Telli, também proveniente do Paraná, situada na região sul do território Xikrin, com pastaria dentro de área demarcada dos índios. Nesta já houve incidentes com os Xikrin.

<sup>\*\*\*</sup> A fazenda laranjeira perto do rio Seco no Qrotao Assurini, pertence a outro senhor Telli, sendo controlada pelo senhor Gilberto Telli.

O senhor Manoel Rodrigues de Silva encarregado da fazenda Boa União do grupo Pau D'Arco e que para surpresa minha se apresenta como "Cardoso", o advogado Juarez Tavares de Macedo, amigo pessoal do senhor Laudelino Heinemann o proprietário de Pau D'Arco, e o piloto René Valentim Gomes. O avião pertence à fazenda Pau D'Arco, tendo o nome de fazenda gravado.

Segundo os índios existe estrada na fazenda Boa União, caminhão Mercedes Benz, 5 motosserras em trabalho de derrubada de árvores e 2 pistas para aviões.

De acordo com Bemoti, o avião de Pau D'Arco ou do Laudelino Heinemann foi buscar o seu amigo Gilberto Telli de Japonesa e de fazenda Laranjeira, o amigo advogado Juarez. No pensamento correto do chefe Bemoti o avião saiu da Boa União,

XXXX A fazenda Boa União do grupo Pau D'Arco, do Paraná, com serraria e retirada de madeira do território Xitirina situa-se na região sul e próxima do rio Pium, pertencendo ao senhor Laudelino Heinemann.

15 O advogado Juarez Tavares de Macedo possui fazenda próxima dos índios Gorotire.

desceu na fazenda Japonese e assim foram embarcando os invasores amigos para descerem no Cateté. Os fazendeiros invasores, todos se avisam no momento necessário, e segundo Bernoti se no mono-motor coubessem mais pessoas, teriam vindo outros integrantes.

Entre outros integrantes invasores da área Xikrin e que retiraram madeira, segundo informações do senhor Gilberto Telli e do vulgo Cardoso estariam o José Francisco Gomes e Pedro Borges (vulgo Pedro Cassador). O Pedro Borges trabalhou para o sr Gilberto. Um tal de V. Taborda também estaria na área Xikrin e um tal de Rubens seria o encarregado de grupo sedado em Xiquare e que estaria retirando mogno no rio Seco, segundo depoimentos dos Índios.

O senhor Gilberto Telli perguntou se não havia inconveniente em soltar o seu gado em inverno da ou pastaria dentro da reserva, pois que o anterior Delegado da FUNAI senhor Carlos Amaru Monte Azevedo e o advogado Nonato da FUNAI de Belém, não autorizaram e nem desautorizaram. Perguntou-me se eu não havia esutado alguma coisa sobre a redução de área Xikrin, pois era póz corrente na região que a área sul seria retirada dos Índios ou a área indígena seria recuada, e então ele entraria em mais dois lotes comprados, porém sem título em plena área

indígena demarcada, donde ele estava zelando para que a madeira não saísse.

O vulgo Cardoso, encarregado da fazenda Boa União do Pau D'Arco, juntamente com o senhor Gilberto Telli da fazenda japonesa, que fizeram o deslocamento de uns 20 índios para a região sul, afim de policiarem a área donde se situam as fazendas. Os índios assustavam os outros invasores, pois que segundo o Cardoso e o Gilberto os civilizados somente temem os índios, e no caso de maior necessidade viriam buscar reforços de mais homens. Os índios seriam uma espécie de jagunços ou policiais de sua própria área ocupada em troca de ranchos ou comida garantida.

Todas essas informações foram gravadas e emprestadas por mim as Delegados de FUNAI em Belém, para serem oferecidas cópias à Brasília e Belém ou melhor à Presidência de FUNAI e a 2ª Delegacia Regional de Belém.

Os índios confiscaram dos visitantes todos os pertences, incluindo roupas e revólveres dos que possuíam deixando com roupa somente o vulgo Cardoso que prometia aos índios e em particular a Bel-diare pôs no território com finalidade de identificar outros ocupantes ou invasores. No dia seguinte pousava o avião de FUNAI no campo de aviação e removeu os visitantes para esclarecimentos.

Assim terminaram por ora os poucos dias numa aldeia longínqua do sudeste do Pará.

Em julho de 1979, eu e a professora Lux Vidal, constatamos a invasão da reserva por madeireiras e fazendas, e levamos os conhecimentos da Presidência da FUNAI. A FUNAI constituiu um grupo de trabalho em cumprimento ao despacho expedido no Portaria nº 601/E, de 16/8/79, que nos deu relatório propôs ações imediatas. Esse grupo de trabalho propôs a remoção dos elementos invasores da atual área, paralisação da retirada de madeiras, e ampliação da área no limite sul unindo as reservas Xikrin e Gorotire.

A situação atual parece muito grave, muito tensa para os índios que assistem os picos e estradas das madeiras chegarem na sua aldeia. Tenho receio que conflitos graves e mortes possam acontecer a qualquer momento.

Em 14 de janeiro de 1980 novamente eu e a professora Lux Vidal solicitamos medidas urgentes à Presidência da FUNAI.

Aguardamos todo empenho de Presidência da FUNAI para tão alarmantes irregularidades.

João Paulo Botelho Vianna Filho

14-8-80

Professor Adjunto da Disciplina de Endocrinologia de Escola Paulista de Medicina.